

THIS SPORTING LIFE

um filme de Lindsay Anderson

com Richard Harris, Rachel Roberts, Alan Badel, William Hartnell

Cópia Digital Restaurada | Legendado em português
1963 | Longa-metragem | 2h 14min | M/12 | Reino Unido

Festivais e Prémios:

BAFTA 1964 – Melhor Actriz Britânica (Rachel Roberts)
Festival de Cannes 1963 – Melhor Actor (Richard Harris)

Sport, Life and Art

[...] Desde o início que o filme era, essencialmente, um processo colaborativo. O livro era uma obra tão pessoal, que o Karel [Reisz] e eu sentimos que não havia ninguém, a não ser o seu próprio autor, que pudesse escrever o guião. Encontramo-nos com o David Storey e ficamos tão impressionados com ele como tínhamos ficado com o seu romance. Ele nunca tinha escrito para cinema; e estava um pouco hesitante com a ideia de tentar recriar, para um meio diferente, uma obra que ele já tinha concluído e ultrapassado. Mas ele não ficou hesitante por muito tempo – o David, que começou a trabalhar como pintor, tinha um imenso apetite (e um dom) pela experiência artística. E, de qualquer forma, como me explicou desde o início, ele considerava o cinema o meio do realizador. Eu respondi que “talvez seja”, mas eu não tinha qualquer interesse em coordenar a adaptação. O que eu queria era um guião que tivesse a sua aprovação, e uma autoridade artística equivalente à do livro. Na altura, não me apercebi do que estava a exigir-lhe.

[...] O David tratou de toda a escrita, entre consultas frequentes e exaustivas com o Karel e eu. Fomos para norte, Yorkshire, e procuramos locais em conjunto, pelo distrito de Wakefield e Leeds, onde o David cresceu, onde ele imaginou muitas cenas do seu livro – e onde, incidentalmente, eu fiz os meus primeiros documentários há doze anos atrás. Mas, apesar desta harmonia, e de muito trabalho árduo, as nossas primeiras tentativas de um guião não foram bem-sucedidas. O livro provou-se muito difícil de condensar sem perder as suas subtilidades e a sua complexidade, características que o distinguíam. Senti que a autoridade de que eu precisava não estava lá. E foi neste ponto que se juntou a nós um novo colaborador, cuja colaboração no filme se tornou essencial. Aproximadamente há um ano atrás, eu tinha visto o Richard Harris na peça *The Ginger Man*, na qual ele nos oferecia uma *performance* soberba, uma coisa muito mais impressionante do que aquilo que ele alguma vez teve a oportunidade de fazer em cinema; e eu tinha uma forte intuição de que ele era o actor perfeito para o papel de Frank Machin em *This Sporting Life*. Por isso, enviámos uma cópia do romance para Hollywood, onde ele estava a filmar o *Revolta na Bounty* [Frank Lloyd, 1935], e perguntámos-lhe se estaria interessado. Ele respondeu imediatamente, com uma carta maravilhosa, cheio de admiração pelo livro e entusiasmo pelo projecto. Então enviámos-lhe o primeiro rascunho do guião, e nunca mais obtivemos resposta.

Comecei a ficar ansioso. Eu próprio ainda não estava feliz com o guião, sem saber sequer o que fazer quanto a isso; e, de qualquer forma, sentia que era errado avançar sem consultar devidamente o actor que iria ter um papel tão crucial como protagonista. Por isso, arranjei forma de fazer uma chamada telefónica para o Taiti (o que não é tão fácil quanto parece), onde o Richard estava agora abandonado com o *Bounty*, e sugeri que eu o fosse visitar. Ele concordou que uma visita era essencial, então eu parti. [...]

Sinopse

Apesar do seu sucesso em campo, um promissor jogador de rugby apercebe-se do vazio que começa a apoderar-se da sua vida à medida que uma profunda angústia se traduz em actos de crescente agressividade. É então que começa a cortejar a sua senhoria na esperança de reencontrar um sentido para a vida. Primeira longa-metragem de ficção de Anderson, *This Sporting Life* foi produzido por outro ilustre representante da nova vaga inglesa, Karel Reisz. Baseado no livro homónimo de David Storey, o filme foi criado na tradição de realismo poético de Humphrey Jennings, documentarista britânico, e influenciado pelo estilo e audácia da montagem de Alain Resnais.



Foi o Richard que, com uma apaixonada intransigência, nos fez regressar ao livro. À noite, depois das filmagens de *Bounty*, sentávamo-nos no seu *bungalow* a analisar o guião e sua cópia do romance, repleto de notas, até que um de nós adormecesse enquanto o outro falava. E, lentamente, surgia uma concepção que nos começava a agradar.

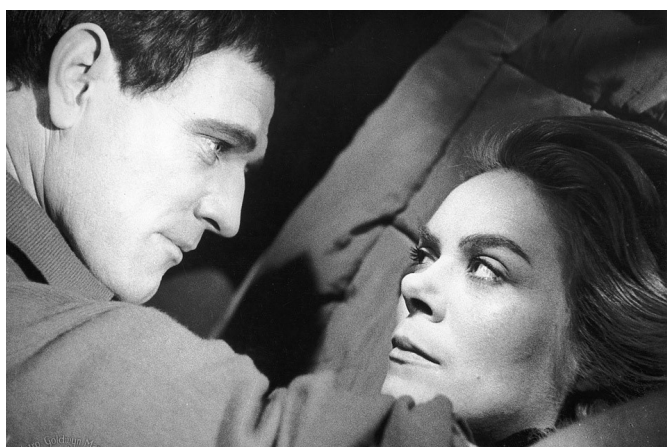
[...] É horrível que nos perguntem *sobre* o que é um filme. O filme é aquilo sobre o qual ele é. Posso tornar-me um crítico e tentar analisar o que fizemos; mas, na verdade, descobre-se o que estamos a fazer enquanto o fazemos. E descobres aquilo que fazes quando o fazes e quando o vês. Isto pode ser perigoso, claro, e é certamente mais fácil para um pintor ou um escritor do que para um realizador; talvez seja uma das razões pelas quais acho tão difícil escrever um guião. Mas, de alguma forma, é necessário. O processo de fazer um filme, como o processo de qualquer obra de arte, deve ser um processo de descoberta.

É fácil dizer sobre o que é que um filme *não* é. *This Sporting Life* não é um filme sobre desporto. Nem deve ser categorizado por “uma história da classe trabalhadora do Norte”. Na verdade, eu não lhe chamaria um filme-história de forma alguma. (Isto foi o que mais nos enganou nas nossas primeiras tentativas de escrever o guião – ao tentar remover a construção em *flashback* dos dois primeiros terços, o que, só por si, tornaram possível o encontro essencial do estilo subjectivo.) Suponho que o filme seja, em primeiro lugar, um estudo do temperamento. É um filme sobre um homem. Um homem com um poder e uma agressividade extraordinários, ambos de foro temperamental e físico, mas, ao mesmo tempo, de uma sensibilidade inata e de uma carência afectiva da qual ele não se apercebe logo. E este temperamento reflecte-se numa estranha e complexa relação com uma mulher – neste aspecto pode-se considerar o filme

uma história de amor. E todo este conflito e a relação são vistos perante uma situação social particular. Todos estes elementos fazem o seu papel no filme. O mundo da Liga de Rugby, do tipo de pessoas que fazem o jogo, os exploradores e os explorados e os espectadores, que vivem por eles e em função deles, este é o contexto significativo de uma intensa e trágica relação entre um homem e uma mulher.

As pessoas podem dizer que, hoje em dia, as tragédias são impossíveis: que a era da psicologia Freudiana e da ciência dos átomos nos roubou a dignidade do indivíduo e a sua significância, o que, só por si, torna uma tragédia possível. Bom, mesmo perante as modas, tentámos fazer uma tragédia. Por muito que eu admire algumas das experiências feitas pelos jovens realizadores franceses – e, particularmente, as suas corajosas quebras do modelo ultrapassado das convenções do “estilo” cinematográfico – eu acho que mesmo nos seus melhores trabalhos há a tendência para a falta de peso, de substância e de significância humana.

[...]



O caso da *new British School* é um pouco diferente. Estes filmes também se despiram do estilo de modo bastante saudável, mas com ênfase bastante distinta dos franceses. Aqui, a primeira conquista foi a abertura de novos territórios, tanto nos assuntos como nos contextos sociais nos quais se passam. Isto foi um grande desenvolvimento – na verdade, um facto indispensável. Mas isso também pode ser restritivo. Certamente será restritivo, se fizermos filmes demasiado longos para “a classe trabalhadora”, pensando objectivamente, quase com a visão de um documentarista. (Ou um sociólogo, o que é pior.) Claro que, igualmente, devem excluir a tragédia; sendo que a tragédia se foca naquilo que é único, não no que é representativo. Ao longo de *This Sporting Life*, estávamos muito conscientes de não estarmos a fazer um filme sobre algo representativo; estávamos a fazer um filme sobre uma coisa única. Não estávamos a fazer um filme sobre um “trabalhador”, mas sim sobre um extraordinário homem (e por isso ainda mais profundamente significativo), e sobre uma relação extraordinária. Não estávamos, num só termo, a fazer sociologia.

[...]

Se a existência de Frank Machin é a alma de *This Sporting Life*, o seu coração está na tormenta da história de amor. E nisto, a sorte estava connosco novamente, ao dar-nos a Rachel Roberts para o papel verdadeiramente difícil de Mrs Hammond. Esta é uma mulher cujos sentimentos, apesar de fortes, são continuamente suprimidos; a relação aprofunda-se sem se explicar, sem as declarações convencionais, através de conflitos incessantes, com todos os sentimentos entre e por detrás dos diálogos. Pedia uma actriz de uma qualidade “interior” excepcional, que tivesse uma força real, assim como a capacidade de uma contenção de ferro. Felizmente, são precisamente as qualidades que a Rachel trouxe ao papel – e, de tal forma, que deixa uma pessoa admirada ao saber que ela não voltou ao cinema desde *Saturday Night and Sunday Morning*.

[...]

O terrível vício dos ingleses é a razoabilidade, o hábito maligno do compromisso, o dom (e quão apreciado!) de “não levar as coisas demasiado a sério”. Talvez isto não seja uma má receita para a sobrevivência; mas não é bom para a arte. O verdadeiro perigo do cinema britânico não é a censura nem sequer o sistema; é o perigo do espectador não querer ser desafiado nem perturbado.

Por outro lado, não há sinais de que as coisas estão a mudar? Se uma obra de arte tem determinada carga e verdade emocional, não podemos deixar de esperar que as pessoas consigam criar uma relação com ela. No panorama actual, pelo menos, nunca houve tantos bons livros a serem lidos; e se o D.H. Lawrence fosse um bom escritor nos dias de hoje, acho que ele não teria sido expulso do país. Talvez a arte ainda consiga ganhar. No nosso caso, aqueles que trabalharam connosco na criação de *This Sporting Life* vão, muito em breve, descobrir por si próprios.

[excerto de] Lindsay Anderson in *Never Apologise: The Collected Writings* (Ed. Plexus, Londres, 2004)

